

Mobilidade espacial Guarani e concepções de natureza

LIMA, Salvadora Caceres Alcântara de Lima¹.

Resumo: O artigo é parte da tese de doutoramento intitulada *Concepções de natureza e território na visão dos professores Guarani da Escola Indígena de Dourados-MS*. O estudo enfatiza as concepções Guarani de natureza e de território fundamentado na hipótese de que tem havido saberes e conhecimentos próprios desse povo e que vêm sendo compartilhados ao longo das gerações por meio da oralidade e de práticas educativas formais e não formais. O artigo traz parte dos relatos colhidos entre professores Guarani de Dourados-MS sobre suas trajetórias de vida, suas concepções de natureza e de território entremeadas por suas memórias pessoais e comunitárias. A partir de suas experiências de vida foi possível perceber a importância da memória e da mobilidade espacial para a organização da vida social e para a resistência sociocultural, em que a memória atua como um importante mecanismo que convoca o passado na busca de respostas para as necessidades de identificação e enraizamento sociocultural e territorial. A espacialidade Guarani e seus vínculos afetivos com o território constituem elementos importantes que nos auxiliam na compreensão do processo histórico ocorrido no espaço de vivência Guarani decorrentes da conformação das economias regionais particularmente a da região da Grande Dourados-MS, intensificadas nos anos de 1940 do século XX.

Palavras-chave: Mobilidade Guarani, natureza e território.

Movilidad socio-espacial Guaraní y concepciones de la naturaleza

El artículo es parte de la tesis doctoral titulada *concepciones de la naturaleza y territorio en la visión de los maestros de la escuela indígena de Dourados MS*. El estudio enfatiza las concepciones de naturaleza y territorio guaraní basado en la hipótesis que hay sido conocimiento de la gente ellos mismos y que se comparten a lo largo de las generaciones a través de la oralidad y compartió las prácticas sociales. El artículo aporta parte de los informes recopilados entre profesores Guaraní de Dourados-MS en sus trayectorias de vida, sus concepciones de la naturaleza y el territorio entreverado por sus recuerdos personales y comunidad. De sus experiencias de vida fue posible darse cuenta de la importancia de la memoria y la movilidad espacial de la organización de la vida social y resistencia cultural, en el que la memoria actúa como un mecanismo importante que convoca el pasado en busca de respuestas a las necesidades y las raíces socio-culturales y territoriales. El guaraní y su espacialidad de lazos afectivos con el territorio constituyen elementos importantes que ayuda en entender el proceso histórico ocurridos en el espacio de la experiencia resultante de la conformación de las economías regionales guaraníes particularmente el Grande Dourados-MS, se intensificó en los años 1940 del siglo XX.

Palabras clave: Movilidad guaraní, naturaleza y territorio.

Concepções Guarani de natureza e de território

Na língua guarani *Kaaguy* é o equivalente ao termo natureza – *Ka'a* –, erva, floresta, mato, ambiente e, *guy* – refere-se ao que está abaixo sob as copas das matas e da florestas. A floresta é pensada como uma cobertura vegetal que não sofreu grandes transformações do homem e que geralmente fica mais afastado dos lugares ocupados pelas moradias e roças.

¹ Dr^a em Geografia e professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Dourados-MS SEMED. E-mail Lima.salvadora@gmail.com

Por ser uma categoria ampla abarca os seres não humanos como animais, plantas, solos, etc e suas espiritualidades, cuja relação com os humanos está associada a um sistema cosmológico complexo de uso e interação, marcado pelo respeito e interdependência, como substância material e alimento simbólico para o grupo.

Para os Guarani a noção de natureza faz parte de uma representação de mundo que integra o uso e a modificação da natureza; um modo de vida e sua relação afetiva com o lugar/*tekohá*². Por isso, a vida é marcada por certas ritualidades e suas explicações podem ter uma base objetiva e uma subjetiva. Como podemos observar nas falas dos professores sobre suas concepções de natureza:

(...) Natureza é tudo que tem ao nosso redor, envolve a mata, envolve os animais, a água e todo esse recurso que tem a nossa volta. Pelo que a gente vê (ouve) na história de nossos parentes, que eles falam que tinha essa harmonia com a natureza, de saber respeitar e também tirar da natureza o que eles precisavam e sempre tinha essa harmonia entre eles, isso entre os indígenas ‘né’[...] isso foi se limitando depois, não as aldeias, mas hoje agente conhece como reserva. (entrevista gravada em 04/09/10)

(...) A natureza pra mim hoje ela é, eu diria, a base de tudo ‘né’. A ciência está lá, a sabedoria tradicional está lá, o sentido da vida está ali no canto dos pássaros. [...] Porque tudo aquilo que há na natureza, por exemplo, esse tipo de pássaro você não deve matar, esse tipo de pássaro causa isso na vida social do Guarani, então a gente ouvia muito os anciãos, os mais velhos que tentavam desvendar os segredos da natureza porque a natureza tem muito segredo ‘né’ [...] quando o casal começa a mexer naquela planta ele pode também trazer problemas na família, uma separação – causar influência positiva ou negativa. Então pra mim a natureza é a base de tudo porque a parti do momento que a natureza vai se afastando eu falo natureza igual os arvoredos, as plantas os animais é tudo que há na natureza é a vida. Porque acabando a natureza acaba o sentido do viver, do pensar Guarani. (entrevista gravada em 07/05/2010)

O ideário de natureza presente nos depoimentos dos professores Guarani indica uma compreensão de espaço como totalidade. Aqui a natureza está associada a elementos físicos como florestas, árvores, bichos, água, plantas, sementes, alimentos e o ser humano. Implicitamente está indicando a maneira como o Guarani constrói suas relações sociais, embasadas no conhecimento, na sabedoria tradicional e na memória ancestral, pressupondo uma continuidade histórica.

Implícito à ideia de natureza há também, um aspecto ideológico importante que define regras de comportamentos, de valores e crenças que são compartilhadas pelos mesmos

² Etimologicamente *tekohá* é uma palavra composta de pela fusão de *teko* e *há*. *Teke* abrange entre outras coisas o modo-de-ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábitos e costumes. *Há* é um sufixo posposto que indica o lugar onde se vivencia o *teko*, o modo de ser Guarani (BRAND, 1997).

indivíduos ao longo do tempo. A transmissão oral de saberes e conhecimentos têm a função de reforçar a consciência étnica do grupo e fortalecer a cultura e a língua visando intensificar a luta por seus direitos principalmente, o direito à vida com a recuperação de seus territórios tradicionais.

Percebe-se também que os seres não humanos que habitam o espaço terrestre possuem uma espiritualidade *ka'aguy jará* – dono da floresta –, que atua como elemento responsável pelo equilíbrio da reprodução da vida³. Como evidenciou uma das falas “acabando a natureza acaba o sentido do viver e do pensar Guarani”, por isso, há um profundo respeito pela vida natural.

A natureza dotada de espiritualidade é um dos aspectos que diferencia o pensamento Guarani da concepção ocidental, cuja visão de mundo dominante é a de natureza vista como recurso, mercadoria e a população como fonte de mão-de-obra e de consumo. Essa concepção também está presente nos depoimentos Guarani, resultante do processo histórico de conato e de escolarização que se deu basicamente, em instituições de ensino não indígena por isso mesmo, traduz e refletem muitos dos conceitos e de valores veiculados pela sociedade ocidental.

Concepções de território

A concepção de território sem fronteiras colhidas entre os professores Guarani mostra uma compreensão de espaço que expressa uma ideia de espaço-movimento em que o território é concebido como espaço de liberdade, de movimentação que pode ser traduzido na prática de caminhar *oguata*⁴. O sistema Guarani de viver sua cultura *ñande reko*⁵, prevê a mobilidade das pessoas no interior de um território mais amplo. Como retrata alguns dos depoimentos:

(...) território é onde os ancestrais habitaram pela primeira vez ‘né’. Quando o homem branco chegou aqui já existia milhões de indígenas espalhados no país inteiro ‘né’. Então, o território ele é todo do povo indígena. (...) O território pra mim é amplo. (entrevista gravada em 07/05/2010)

(...) Território é o lugar onde os antepassados moraram, o território, esse espaço aqui da aldeia é muito reduzido. Mas eu vejo também que está reduzido hoje pelo crescimento da população da aldeia. Logicamente que os órgãos competentes deveriam tá olhando

³ *ka'aguy jará* é palavra formada pelo substantivo *Jara* que se refere ao dono, senhor, espírito, divindade. e *Ka'aguy* significa floresta, mata. Portanto, a junção das palavras *ka'aguy jará* refere-se a uma das divindades responsável pelo equilíbrio da floresta. Ou seja, é o dono das matas e das florestas (LIMA, 2012).

⁴ Verbo relativo ao ato de caminhar, transitar, percorrer, etc. (ASSIS, 2008).

⁵ *Ñande reko* significa nosso modo de viver a cultura, nosso costume etc (LIMA, 2012).

nesse sentido de ta ampliando mais. Mas só que a gente percebe também, sei lá culpa não sei de quem, ao nosso redor já tem as grandes propriedades não indígenas. Nós aqui, quando eu era criança era suficiente esse espaço, hoje cresceu demais. Então o espaço hoje é insuficiente pra população nossa aqui. (entrevista gravada em 25/05/2010)

(...) Eu sempre tenho falado assim: hoje moramos em uma comunidade que tem três etnias Guarani Kaiowá e Terena. Essa comunidade mora em 3.500 hectares de terra, onde está se aproximando nos seus 13.000 pessoas (...) vejo assim, dentro da comunidade vejo que tem muito Guarani Kaiowá que não são culpados do jeito que são hoje. Porque como a gente está nesse mundo globalizado e o município (cidade) se aproximando, isso tudo se modificou totalmente o meio habitat do Guarani Kaiowá. Quando eu tinha meus 11, 12 anos eu me lembro que aqui tinha muita dança, muito bate pé, qualquer casa que você chegava tinha fatura praticamente isso acabou. Vejo assim, tem Guarani Kaiowá ou Terena que tem seu pedaço de terra ele praticamente ficou dependendo e acomodado pelo sistema. (entrevista gravada em 21/05/2010)

Território é o *tekohá*, o lugar onde eu moro. Tem três tipos ‘né’. *Tekohá* o pedacinho onde você mora e convive com sua família (a casa) e tem outro *tekohá* que abrange o lugar todo. Por exemplo, a aldeia de Dourados é um *tekohá* onde os *patricios* moram, o lugar de se conviver com toda a comunidade. Território que eu sei tem em outros lugares e cada lugar tem seu jeito de convivência, cada família tem sua forma de conviver. (Entrevista gravada em 15/05/2010)

Percebe-se uma concepção de aldeia *tekohá* como sendo um pequeno fragmento contido numa área maior – o território. Esta concepção sugere o entendimento de que a área que se reconhece como “o lugar todo” corresponderia a uma ideia de *tekohá guassu*, considerando todas as aldeias como território amplo e comum a todos os Guarani, ainda que as terras não sejam contínuas.

Tekohá guassu pode ser entendido como um território carregado de significados e simbologias onde pessoas, rios, plantas, animais, etc, tudo interfere no modo de ser Guarani. Essa noção ampla de território/espaço faz parte da relação holística que o povo Guarani mantém com as aldeias e seu território tradicional.

As concepções de natureza e de território apontam para relações construídas entre lugares. O espaço da aldeia de Dourados como *tekohá* é lugar de convivência de uma parte da família extensa⁶, onde se trabalha, reproduzem e compartilham culturas. Mas essa realização não acontece de forma exclusiva nas aldeias já que ela é dependente da realização simultânea de outros modo de ser: dos animais, de plantas e de seus donos que são as divindades e de

⁶ Entende-se por família extensa as relações de parentescos que se estendem para além da unidade de pais e filhos, existindo uma extensão ampliada das relações entre parentes com os quais convivem e mantém vínculos de afinidades e afetividades (PEREIRA, 2004).

outros grupos Guarani que vivem em outras aldeias localizadas em diferentes municípios e, também, dos não Guarani.

Também nos depoimentos aparece uma consciência Guarani em relação à interferência do não indígena que vem alterando o ambiente ecológico decorrente, dentre outros fatores, da proximidade das cidades e do tipo de atividades econômicas praticadas no entorno das aldeias. Ao mesmo tempo denunciam a situação de confinamento⁷ a que foram submetidos ao longo do tempo, apontando a falta de terras como o principal agravante que impossibilita a recomposição das famílias extensas para a formação de novos *tekohá*.

Podemos dizer que, terra e território são categorias que se inter-relacionam em seus aspectos físicos, sociais e culturais, mas que apresentam diferenças entre si. A terra é o suporte físico (mas que contém uma dimensão simbólica, cultural e política) e que o território é a possibilidade de viver a liberdade em plenitude o modo de ser Guarani, ou seja, suas territorialidades.

No momento atual a terra e sua demarcação é o horizonte possível a ser perseguido e reivindicado. É a força motriz que mobiliza para ação e superação das adversidades presentes no dia a dia das aldeias, mas, ciente de que a recuperação plena do território do passado é uma empreitada quase inatingível. Por isso, a memória viva canta a esperança de continuar a árdua caminhada em busca de um lugar onde possam viver e desenvolver o modo de ser, autenticamente Guarani, com segurança e dignidade⁸.

Espaço e memória Guarani

Um dos aspectos importantes da mobilidade observada nos depoimentos trata-se da memória espacial Guarani. Durante as entrevistas os professores puderam rememorar suas histórias pessoais e comunitárias, momento em que ativaram suas memórias coletivas e entraram nelas misturando suas histórias de vida com as dos seus antepassados.

⁷ O termo confinamento refere-se ao processo de concentração da população Guarani dentro das áreas demarcadas entre 1915 a 1928, após a destruição de suas aldeias e da conclusão do processo de implantação das fazendas de gado e o correspondente desmatamento do território tradicional Guarani. LIMA (2012). O termo confinamento foi introduzido inicialmente, por Schaden (1974, p. 4), indicando que os Guarani e Kaiowá de Dourados-MS pareciam estar confinados a uma série de aldeias. Posteriormente essa ideia foi trabalhada por Brand (1997), quando analisou o processo de aldeamento Guarani, em Mato Grosso do Sul.

⁸ Ver CHAMORRO, Graciela. *Terra Madura, yvy araguyje: fundamento da palavra guarani*. Dourados-MS, Ed/UFGD, 2008.

A memória coletiva tem um importante papel que é a de contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento a um grupo com história e passado comum. A memória compartilhada garante a permanente atualização das experiências e dos vínculos afetivos com os espaços onde vivem ou viveram os antepassados Guarani.

Os vínculos afetivos com o território traduzem uma trajetória espacial assinalada por marcos e limites dos antepassados e que são guardados nas memórias e nas línguas, cujo acervo histórico e cultural é bem mais extenso que as áreas atualmente ocupadas e/ou reivindicadas por comunidades Guarani. Isso torna os laços de parentesco e as alianças políticas muito mais complexas para a delimitação de determinado território étnico.

Compreendo a memória como constituída na relação entre o passado e o presente. Porém, é a partir da relação atual que ela ganha sentido ao ser produzido e recriado por meio de práticas sociais ampliadas, *oguata*. Nessa movimentação as narrativas conformam e informam um patrimônio de memória oral que constitui referenciais espaciais que orientam e regulam os saberes Guarani e suas condutas coletivas, numa afirmação constante dos laços entre o passado e o presente. Vejamos o que dizem os professores Guarani acerca da mobilidade espacial de seus familiares:

(...) A minha vó conta que a mãe dela veio do Paraná. Veio por canoa, pelo rio, assim que eles foram chegando até aqui e sempre usavam a natureza como também um recurso ‘né’. Por exemplo, a canoa era o meio de transporte deles ‘né’. Eu percebo que pra eles não tinha limite o território, onde eles passavam fazia parte do território deles de onde eles podiam explorar e construir sua família, viver sua cultura. (entrevista gravada em 4/09/2010)

[...] Pela história que eu ouvi dos meus avós que falou pros meus pais isso há muitos anos atrás ‘né’. Que segundo a minha vó ela é Guarani/Kaiowá. A minha bisavó ela só falava Guarani/Kaiowá e não chegou a entender o português como nos entendemos hoje. Pelo que ela contava e que meu pai falou pra mim também, diz que nós era pessoas que viemos do estado de São Paulo. Na realidade, a mãe da minha bisavó ela era Mbyá⁹, então como na época houve aquela invasão (conflitos) eles sumiram pela mata e desceram o rio Paraná até chegar na região do Paraná entre o país do Paraguai e meu vô acabou vindo pra essa região aqui ‘né’. Ele fala que nós, a minha família somos muito descendentes de Mbyá e também de Kaiowá porque a minha vó era muito Kaiowá. (entrevista gravada em 21/06/2010)

O meu pai e minha mãe contam que eles passavam ‘né’ da onde eles vieram junto com o pessoal que vieram de lá de São Paulo. Sempre eles lembravam que desciam o Rio Paraná ‘né’. A família deles vieram de lá ‘né’. Eles quando vieram para a aldeia de Dourados na verdade a aldeia já era uma aldeia demarcada e por aqui eles se casaram

⁹ Mbyá substantivo etnológico referente a um dos grupos Guarani que vive no Brasil, Paraguai e na Argentina.

eles se conheceram aqui mesmo na região de Dourados, toda a família de meu pai mora aqui ‘né’. (entrevista realizada em 07/05/2010)

Me criei na região de Orquetami (Paraguai) fiquei lá até os meus oitos anos. Naquele período, o meu irmão mais velho casou ali no Pirajuy (aldeia) já no Brasil ‘né’¹⁰. Quando eu tinha 9 anos vim pra casa dele e acabei sendo convidado pra estudar [...] a escola era uma missão alemã – Missão Evangélica Unida (por volta de 1982) – localizada em Pirajuy. Só sei que com onze anos eu fui pela primeira vez pra escola. Aí comecei a estudar onde fiz até a quarta série mas eu sempre voltava lá em Orquetami. Nesse período, em Pirajuy, meus pais mudaram para a região de Ernandaria (Paraguai). Naquela época as terras foram sendo comprada por colonos - Paraguaio ou estrangeiro – quem tava lá comprava tudo. Compraram naquela região (Pirajuy) e meu pai não tinha documento que indicasse a posse da terra foram na verdade expulsos de lá, eles se mudaram pra região de Ernandária (Paraguai) então por bastante tempo perdi contato com eles por que era longe e eu sem recursos não podia ir, acabei me isolando deles por um tempão aí se espalharam meus irmãos todos foram para aquela região de Vilha Iguatemi no Paraguai, no outro lado, mas era próximo de onde nos nascemos. (entrevista gravada em 30/07/2010)

(...) Meu pai contava que eles (o pai e o avô) trabalharam muito na erva-mate, então onde acabava na região os pés de erva, eles procuravam outra região e assim vai indo, não ficavam num lugar só. Com o tempo acabou esse trabalho, no fim saiu essa divisão, é separar ‘né’. E deixar os índio só num lugar aí começa a corta as reservas e juntaram os indígenas só num lugar ‘né’¹¹. No fim o meu avô ficou perto da aldeia Porto Lindo (Japorã-MS). (entrevista gravada em 15/05/2010)

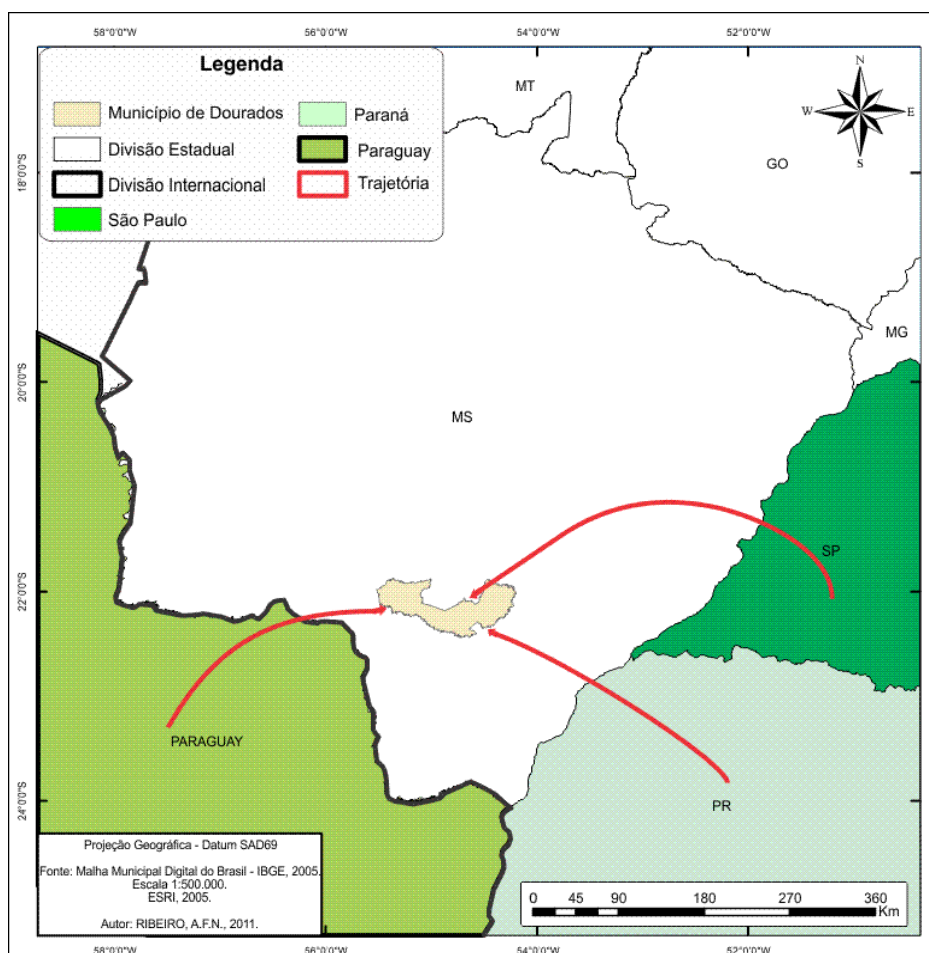
A mobilidade espacial e o lugar de origem de algumas das famílias dos professores Guarani (pais, mães, avós, bisavós, tios, etc) estão representadas no mapa um (01). A partir dos relatos e da livre expressão os professores Guarani puderam misturar a memória com suas histórias de vidas pessoais e coletivas. São experiências de vidas que expressam uma concepção de espaço e de território construída ao longo do tempo como uma cartografia da memória delineada pela experiência vivida e sofrida, evidenciando uma intensa ligação com os territórios ancestrais, os quais abrangem além de Mato Grosso do Sul os Estados de São Paulo, Paraná e Paraguai.

¹⁰ A Terra Indígena Pirajuy localizada no município de Paranhos-MS, foi reservada em 1928, homologada em 1986.

¹¹ O depoimento reporta a uma época em que se deu as primeiras demarcações de áreas para o confinamento Guarani e Kaiowá nos idos do início do século XX, mais precisamente entre 1915 a 1928, dentre as quais podemos citar: a TI Benjamim Constant, no município de Amambai-MS, em 1915; a TI Francisco Horta Barbosa no município de Dourados-MS, em 1917; a TI Tey-Cue, no município de Caarapó-MS, 1927, entre outras. (LIMA, 2012)

Mapa 01

REPRESENTAÇÃO SOCIO ESPACIAL E MEMÓRIA



A mobilidade espacial não é uma prática aleatória, um caminhar a esmo e sem destino (perambular) como fora interpretado no passado, mas constitui um modo de ser e de resistir culturalmente às diversas formas de contato com outros grupos indígenas e a sociedade nacional, por isso não pode ser vista apenas como um processo interno da organização social, mas causadas, sobretudo, pelas diferentes formas e modalidades de confronto/resistência e convivência com a sociedade nacional desde o período colonial até a atualidade.

Conforme os relatos dos professores ficam evidenciados que a mobilidade de seus pais, avós e bisavós refletem os acontecimentos conjunturais ocorridos ao longo dos séculos com impacto direto no modo de ser Guarani na atualidade. Principalmente os acontecimentos da primeira metade do século XX, época em que o Estado brasileiro passou a construir um discurso sobre a conquista do Oeste para ocupar os chamados “espaços vazios” que culminou com a implantação de projetos colonizadores chamados “marcha para o Oeste”. Nesse período

foram criadas a Fundação Brasil Central, em 1943, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás-GO, em 1941, e a Colônia Agrícola Nacional de Dourados CAND em 1943, e que segundo Lenharo (1986), foi efetivada somente em 1948¹².

O projeto de colonização governamental abriu caminho para outros empreendimentos de colonização particulares como a Companhia Viação Mato Grosso; Companhia Moura Andrade e Sociedade de Melhoramentos e Colonização SOMECO S.A, estimulando a vinda de migrantes para o Mato Grosso do Sul principalmente para a região de Dourados atingindo, em cheio, o espaço de vivência e a organização sociocultural Guarani LIMA, 2004.

Nesse contexto, a ocupação do espaço Mato-Grossense ocorreu em consonância com as transformações estruturais da economia brasileira e da reestruturação do espaço agrário nacional em função da produção de alimentos para o mercado interno, quando a economia regional foi submetida a um padrão de especialização que privilegiou a produção de bens primários voltadas para exportação.

É o que podemos constatar nos depoimentos dos professores Guarani que, além da vinda de migrantes não indígenas, a região de Dourados recebeu também grupos Guarani vindo dos Estados de São Paulo e do Paraná, onde a pressão ocupacional exercida pela população não indígena já era intensa e o desmatamento acentuado levou a um rápido esgotamento das terras paulistas e paranaenses. Consequentemente, as poucas matas que restaram já não eram o suficiente para abrigar, proteger e garantir a sobrevivência física e cultural das comunidades Guarani, obrigando-os a se deslocarem em busca de apoio junto aos parentes que residiam em outros Estados ou país.

O deslocamento muitas vezes forçado de grupos Guarani sobrevivente das diversas formas de violências sofridas, mostra uma memória secular que indica os caminhos percorridos por seus familiares, geralmente fugindo das investidas e ataques sofridos pelas frentes de colonização agropastoris, que se acentuou durante o processo de ocupação do Oeste brasileiro.

Em decorrência da violência e da expulsão ocorridas no passado recente, muitas famílias Guarani hoje não se encontram na posse de muitas de suas terras. Porém, a memória espacial e a história indígena de Mato Grosso do Sul comprovam a ligação ancestral do povo

¹² Ver LIMA, S. C. A de. O discurso regional nos livros didáticos de Geografia: um olhar sobre a região Centro-Oeste. Campo Grande. Dissertação (Mestrado em geografia) UFMS, 2004.

Guarani com o território, o que justifica as diversas tentativas de retorno e as sistemáticas cobranças pela demarcação de suas terras tradicionais.

Redes de aldeias e trajetórias de vidas

A mobilidade espacial que vem ocorrendo ao longo do tempo é um dos aspectos importantes do sistema social Guarani. Envolve uma série de relações sociais de intercâmbio, de reciprocidade e alianças políticas e matrimoniais entre famílias de diferentes aldeias/*tekohá*.

A dinâmica dos procedimentos de mobilidade que põem em movimento as trocas e os intercâmbios culturais permite ao grupo a apreensão das orientações gerais que articulam o sistema social multiétnico reforçando, ao mesmo tempo, as identidades específicas, evidenciando a cada momento a fórmula geral de que “eu sou o que o outro não é”.

O tempo da movimentação espacial e o modo como as famílias Guarani se relacionam no interior das parentelas trazem elementos importantes que nos ajudam a compreender o processo de escolarização desses professores e o modo como são recriadas as concepções de natureza e de território, articuladas a outras concepções forjadas nas relações com o não indígena e o processo de escolarização:

Eu nasci na aldeia de Porto Lindo, município de Japorã, estudei na escola municipal da Missão Kaiowá, não lembro o nome da escola acho que é Dr Nelson de Araújo. Fiz a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série e meus pais todos mora nessa aldeia, até hoje. [...] depois que terminei o ensino fundamental 8ª série, vim pra cá ‘ne’ pra Dourados onde casei e fiz o magistério [...] Em 2000, fiz vestibular pra Pedagogia e terminei em 2006, a parti daí até hoje to na área de educação, mas antes trabalhei na usina de álcool de 1995 a 1997. (entrevista realizada em 15/05/10)

Nasci aqui na aldeia em Dourados. A maior parte da minha infância foi na aldeia Bororó, com meus pais, ali morava toda a minha família meus avôs, por parte do meu pai, meus tios. Por parte da minha mãe era mais distante da família ‘né’. O pai dela morou ali por um tempo depois ele foi embora e ela (mãe) ficou ali. Os irmãos dela também um tempo saiu acho que foi pra Ponta Porã, pro Paraguai mas sempre eles voltavam. Depois nós mudamos pra cá pro Jaguapiru, acho que eu tinha uns seis ou sete anos quando vim pra cá, agora estamos aqui até hoje. [...] fiz até a 8ª série (na aldeia) depois fui pra cidade fazer o ensino médio. (entrevista realizada em 4/09/10)

Os familiares da minha mãe moram um pouco em Caarapó na aldeia Tey’Kue e em outras aldeias também Takuapiry em Coronel Sapucaia. [...] Eu estudava o pré-primário na Francisco Meireles, depois fui pra escola da Missão que fica localizada na aldeia

Mangai próximo a Taquapiry. [...] Aí teve aquele conflito entre o Terena e Guarani Kaiowá ai eu acompanhei meu pai eles foram fazer o acampamento ali no rio Dourados, nos ficamos lá quase quatro meses acampado 'né'. Ai depois que as lideranças se articularam pra retoma aquela área que hoje é o Jataivary que é Lima Campo. Ai nos fomos pra lá assim com muito problema de conflitos com fazendeiro e nós conseguimos entrar lá na terra ocupando. Eu mesmo fiquei lá cinco anos. [...] Mas comecei a dar aula em 1999, na aldeia Lima Campo. [...] Aí, em 2003, voltei pra Dourados pra estudar na faculdade, mas meus pais ficaram pra lá, até hoje eles moram na Lima Campo. [...] Nós andamos muito, minha família andou bastante, tanto é que assim, a gente tentou buscar querer morar numa aldeia 'né'. hoje descobri que o indígena ele não é de ficar num só lugar. Quando eu tinha 12 anos lá na aldeia de Coronel Sapucaia eu queria vim pra cá, eu achava assim que meus parentes meus primos morava tudo pra cá, então tinha momento que eu tinha saudade 'né'. Eu sempre falava que Dourados era o melhor lugar pra se viver, estudar. Então sempre parece que tem a raiz que puxa a gente. (entrevista realizada em 07/05/2010)

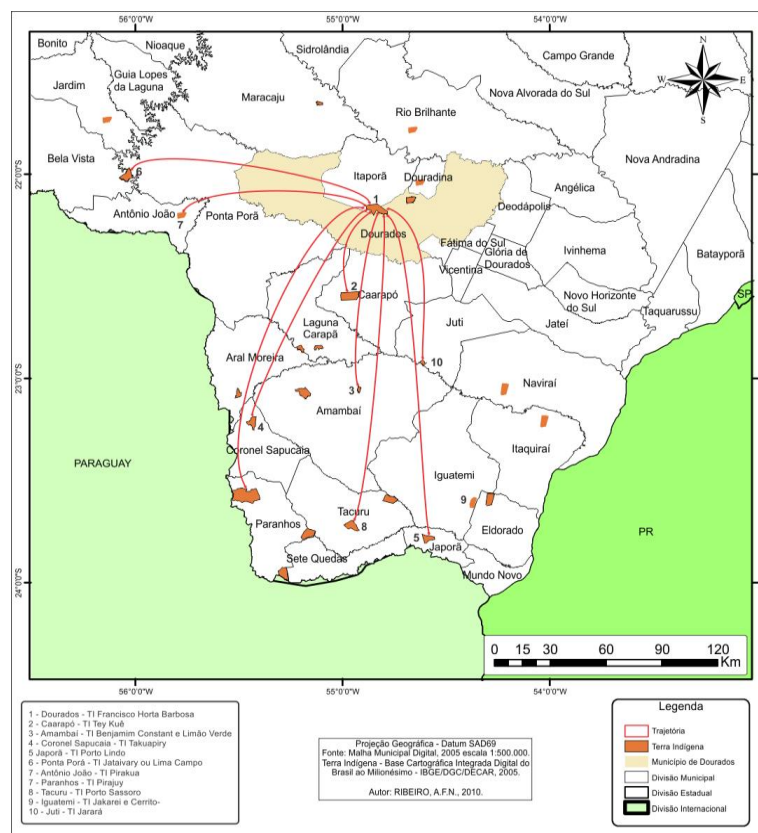
A riqueza e os detalhes dos depoimentos revelam a importância da mobilidade espacial como elemento fundante da conformação sociocultural Guarani. É o que se observa no mapa dois (02) em relação à abrangência da movimentação das famílias extensas dos professores que vivem hoje na Terra Indígena Francisco Horta Barbosa que é composta pelas aldeias Jaguapiru e Bororó, em Dourados¹³.

Pode-se constatar que as relações entre as famílias extensas geralmente, se estendem por diversas aldeias localizadas em diferentes municípios vizinhos e fronteiriços. Nessas aldeias, os grupos vão construindo suas relações societárias e interculturais marcadas pelas trocas e negociações políticas que ora aproximam ora distanciam os grupos.

¹³ A Terra Indígena Francisco Horta Barbosa foi criada pelo Decreto Estadual nº 401, de 3 de setembro de 1917, com uma área de 3.600 há, localizada entre os municípios de Dourados e de Itaporã. Segundo Brand (1997) antes mesmo da efetivação da área ocorrida somente em 1965, a área reservada perdeu 61 há de terras para proprietários circunvizinhos, restando 3.539 ha.

Mapa 02

Redes de aldeias e trajetórias de vidas



As redes de aldeias/*tekohá* são articuladas, basicamente, pelos laços de parentescos mantidos por alianças matrimoniais e políticas que vão conformando as relações sociais intra-étnicas. Segundo Pereira (2004), os parentes que residem em aldeias distantes não se desfazem dos laços familiares, ao contrário, essas relações resistem ao tempo e são constantemente atualizados por meio de visitas esporádicas, de mudanças efetivas, de encontros para a realização de rituais e festas importantes como os de cura, de nomeação de pessoas etc.

Ladeira (2001) observa que a ausência de elementos naturais tem sido um dos fatores que contribuem para intensificar a movimentação Guarani pelo território. Geralmente as pessoas se deslocam de uma aldeia à outra em busca de madeiras, plantas e sementes para reproduzir ou somente para usos específicos em rituais.

Outro aspecto importante a ressaltar trata-se dos conflitos internos nas aldeias ou mesmo com os não indígenas, momentos em que as famílias Guarani tendem a buscar apoio em casas de parentes que vivem em aldeias distintas próximas ou distantes. De modo que é

comum encontrar aliados morando em diferentes localidades, mas mantendo vínculos profundos e frequentes formando, assim, redes de alianças supralocais. As relações intra-étnicas e supralocais fazem parte do sistema social Guarani já que as aldeias não sobrevivem isoladamente uma das outras tendo em vista que elas não possuem a mesma estrutura entre si.

O deslocamento dos Guarani, entre aldeias próximas e entre as de diferentes regiões se relaciona com a dinâmica social e com a “tradição” que cada família do povo Guarani precisa manter, não só para ter respeitada a sua cultura pelos outros, mas também pelo significado e pelo valor próprio de sua cultura (LADEIRA, 2001, p. 57).

Nesse contexto, as aldeias localizadas nos municípios próximos à Terra Indígena Francisco Horta Barbosa, em Dourados compõem espaços de formação de alianças que tem por finalidade o fortalecimento e a reprodução cultural, linguística e territorial do povo Guarani. As relações de parentesco, de reciprocidade e de alianças políticas levam a intercâmbios diversos por meio dos quais buscam inspiração numa totalidade cosmológica que se dá nos limites de uma territorialidade destruída pelo processo de colonização que empreendeu a privatização da terra e gerou a fragmentação de seus territórios tradicionais.

É no contexto da movimentação de pessoas e grupos entre as aldeias e fora dela que podemos entender a importância da territorialidade Guarani e a existência de algumas categorias como *oreva* e *nãndéva*. *Ñande* = nós, nosso – inclusivo. *Ore* = nós, nosso exclusivo (ASSIS, 2008).

Ñandeva e *oréva* são categorias relacionais que delimitam as fronteiras culturais entre grupos sociais distintos. Na língua guarani, a palavra *ñandeva* pode ser utilizada como substantivo etnológico para marcar uma das parciaisidades do povo Guarani, os chamados Guarani *Ñandeva*. Mas também é um pronome gramatical que indica a primeira pessoa do plural e que possui duas variações – de incluir e de excluir as pessoas com que se fala ou que não são do mesmo grupo. Tais categorias permitem compreender o modo como as famílias Guarani se relacionam entre si e com outras pessoas não indígenas. Assim, *oréva* é pronome da primeira pessoa do plural – o nós –, que exclui o outro, a pessoa com quem se fala ou que não pertence ao grupo, é palavra com significado diferente de *ñandéva* – o que somos nós, os que são dos nossos –, inclusivo, mas que também pode significar ‘gente’ como categoria genérica que inclui todos os interlocutores (CHAMORRO, 2008).

Para Pereira (2004), o princípio *ore* teria como característica principal a forte ênfase na exclusividade das relações entre pessoas que se consideram parentes próximos e compõem unidades com profunda identidade social, cuja expressão máxima seria o fogo doméstico

Com a expressão *oréva* e *ñandeva* têm-se dois tipos de pensamento Guarani que compõem um modelo concêntrico da estrutura social: Uma mais fechada e exclusiva voltada para o interior das famílias – *oréva* e outra mais aberta e flexível *ñandeva* – que engloba as relações mais amplas entre pessoas e grupos, permitindo a formação de uma rede ampliada de alianças entre as famílias de um ou vários *tekohá*.

Essa relação permite ao grupo a construção de uma consciência étnica que se expressa na concepção de um “nós” diferente do “outro” sempre ampliado, que em certas circunstâncias extrapolam o mundo Guarani e passa a incluir outras pessoas indígenas e não indígenas. Como um princípio dialético que (re) organiza e modela a estrutura societária e faz com que haja sempre uma relação tensa e intensa entre as duas categorias: de um lado, as relações de proximidade ligadas às práticas sociais cotidianas como forma de tornar possível o exercício dos valores que conformam a vida social Guarani; de outro, a necessidade da ampliação da rede de famílias e de contatos, relacionadas às parcerias políticas culturais e de alianças matrimoniais, resultando na ampliação dos horizontes da convivência social.

Considerações Finais

Observou-se que a movimentação espacial Guarani e a concepção de território, de lugar aldeia/*tekohá* são categorias relacionais que se processam em um contínuo fluxo e refluxo, oscilando entre a inclusão e a exclusão de pessoas e grupos de lugares distintos. A mobilidade espacial permite a apreensão do espaço físico formando um complexo sociocultural que se estende na medida da memória do grupo familiar materializada por meio do acesso às redes de trocas, visitas e intercâmbios diversos.

O sistema cultural Guarani de cooperação social e de viver o *ñandere reko* vem se alterando nas últimas décadas, cujas mudanças são mais visíveis em Terras Indígenas como a de Dourados-MS, onde a convivência multi e interétnica Guarani, Kaiowá e Terena e a proximidade com as cidades tendem a acirrar os conflitos e a violência, impondo outras demandas por relacionamentos e intercâmbios sociais, além daquelas necessidades básicas criadas e amplamente incorporadas do ponto de vista cultural.

A interação, o intercâmbio e a confrontação sociocultural ocorrem não somente dentro das aldeias, mas também com outras pessoas da cidade e do entorno regional com os quais interagem cotidianamente. Nesses espaços de fluxos de pessoas, conhecimentos, mercadorias e sonhos as relações são tacitamente marcadas por preconceitos, intolerâncias e confrontos territoriais expressos na luta pela recuperação e demarcação das terras tradicionais.

É o que podemos observar com o surgimento de inúmeros acampamentos Guarani nas periferias da cidade de Dourados, na beira de estradas e rodovias que são exemplos da luta pela retomada dos *tekohá* tradicionais destruídos no processo de ocupação do território Mato-Grossense pelas frentes colonizadoras¹⁴.

Soma-se à situação de miséria e de abandono a que são submetidos, há um discurso claro contra a demarcação de Terras indígenas e a favor da monocultura, amplamente veiculados na imprensa regional alimentando práticas de racismo e de preconceitos contra o modo de ser dos Guarani tidos como “obstáculos ao progresso” porque sua cultura não se enquadra no sistema capitalista de produção.

Embora tem-se conquistados alguns direitos territoriais e sociais ao longo do tempo, temos que reconhecer que os procedimentos administrativos oficiais vigentes não conseguem ou querem dar conta da complexidade da situação fundiária e territorial a que se encontra os povos Guarani de Mato grosso do Sul. Muitas vezes os impasses se revertem na paralização do processo de regularização fundiária ou no desfecho insatisfatório para a comunidade que as reivindica

A omissão do Estado brasileiro além de ferir o direito constitucional.¹⁵, deixa o povo Guarani em situação de extrema vulnerabilidade e insegurança social gerando um ambiente propício para o extermínio gradativo de culturas e vidas, situação que pode ser caracterizada como um grave crime contra a humanidade.

¹⁴ Nos arredores e periferias do município de Dourados existem acampamentos Guarani e Kaiowá tais como: Mudás MS, Curral de Arame, Apycay, Boqueirão, Passo Piraju, Pacurity e outros.

¹⁵ A Constituição Federal de 1988 dedicou um capítulo específico (Dos Índios) inserido no título III da Ordem Social para tratar dos direitos povos indígenas.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Cecy Fernandes. 2008. *Ñe'eryru: Avañe'e-Portuge/Portuge-Avañe'e*. Dicionário: Guarani-Português/Português/Guarani. São Paulo. Registro Fundação Biblioteca Nacional nº 167.808, Livro 280, F. 451.
- BRAND, Antonio. *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/PUC. Porto Alegre, 1997.
- CHAMORRO, Graciela. 2008. *Terra madura, yvy araguayje: fundamento da palavra guarani*. Dourados/MS, Ed/UFMG. ISBN 978-85-61228-08-8.
- CIMI – 2011. *As violências contra os povos indígenas em Mato Grosso do Sul*. Relatório com dados de 2003 a 2010. CIMI/Regional Mato Grosso do Sul. ISSN 1984-7645.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, EDUSP, 1974.
- LADEIRA, Maria Inês. *Espaço Geográfico Guarani – Mbya: significado, constituição e uso*. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo/FFLCH / USP, 2001.
- LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*. Campinas (SP), Ed. Unicamp, 1986.
- LIMA, S.C.A. de. *Concepções de natureza e território na visão dos professores Guarani da escola indígena de Dourados-MS*. Tese (Doutorado em Geografia). UFG, 2012. 211 páginas.
- LIMA, Salvadora Caceres Alcântara. de. *O Discurso regional nos livros didáticos de geografia: um olhar sobre a região Centro-Oeste*. Campo Grande, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, 2004. 144 páginas.
- PEREIRA, Levi Marques. *Imagem Kaiowá do sistema social e seu entorno*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, 2004.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1998.
- CIMI. Conselho Indigenista Missionário - [WWW.cimi.org.br](http://www.cimi.org.br)
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Disponível em <http://www.funai.gov.br/mapas/etnia/etn.ms.htm> Acessado em 01/2010.
- ISA – Instituto Sócio Ambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://www.socioambiental.org> Acessado em 2006.